

Isaac Díaz Pardo e a Língua

Homenagem da AGAL



AGAL
TESTEMUNHOS

Isaac Díaz Pardo e a Língua

Homenagem da AGAL

Isaac Díaz Pardo e a Língua

Associação Galega da Língua
(AGAL)

TESTEMUNHOS

ISAAC DÍAZ PARDO E A LÍNGUA

1ª Edição, Maio de 2008

© 2008 Isaac Díaz Pardo

© 2008 AGAL
Associação Galega da Língua
Apartado dos correios 453
32080 Ourense (Galiza)
agal@agal-gz.org
www.agal-gz.org

ISBN: 978-84-87305-26-1

Coordenação Editorial: Isaac Alonso Estraviz

Ilustrações: Isaac Díaz Pardo

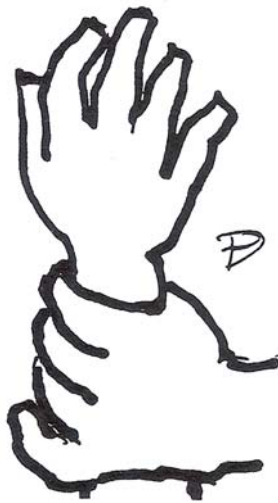
Revisão lingüística e tipográfica: Isaac Alonso Estraviz

Concepção gráfica: Miguel R. Penas

Imprime: Litonor.

*Reservados todos os direitos de acordo
com a legislação em vigor.*





INTRODUÇÃO

A AGAL, defensora da unidade linguística galego-portuguesa, segue com muito interesse todos os grupos sociais, ou pessoas individuais, que em toda a história da nossa língua se preocuparam por dotar a língua de uma norma ortográfica, coerente e sólida, segundo os princípios de uma língua filha do latim.

Sabemos que desde o século XIX aos nossos dias não houve nunca uniformidade para dar-lhe ao galego a norma que necessita. Sabemos que um bocado antes da guerra de 1936 o processo de uma norma comum à variante portuguesa estava muito avançado. A guerra interrompeu esse processo.

Os grandes vultos do galeguismo defenderam sempre essa unidade teoricamente. Foram poucos os que a levaram à prática. Isaac Díaz Pardo seguiu sempre a teoria da unidade e nalgum momento tentou levá-la à prática. O ano passado surpreendeu-nos com a joia maravilhosa do livrinho *Tentando construir uma Esfinge de Pedra*.

Tendo em conta essa trajetória constante na defesa de uma variante que se deve integrar no diassistema comum, a AGAL decidiu recolher todo o material que fala do tema e fazer-lhe uma merecida Homenagem juntando todos os trabalhos num volume. Para isso

falou-se com José Maria Casariego Guerreiro, que trabalhou sobre a obra literária de Díaz Pardo e tem recolhidos todos os artigos publicados até aos começos de 2001. Cedeu-nos gentilmente as fotocópias daqueles artigos que falam do tema. Depois algum sócio e o próprio Díaz Pardo completaram um conjunto de 17 trabalhos onde se plasma a sua doutrina.

Quem ler estes trabalhos —por certo de muito fácil leitura— verá com que claridade e interesse trata o tema. Como pessoa excepcional que é, reconhece todas as qualidades dos seus numerosos amigos aos que também lhes lembra, com muito humor e retranca, onde estão as deficiências do seu labor.

Para completar o presente volume pediu-se-lhe a J.M. Casariego e alguns companheiros que tivessem qualquer cousa a dizer do protagonista que nos entregassem algumas folhas. Assim J.M. Casariego cingiu-se à vida e obra de Díaz Pardo; I.Alonso Estraviz trata uma das teimas constantes do protagonista, a memória histórica; J. Paz fala-nos da sua dignidade; Alexandre Banhos, em contacto com ele, conta-nos como se malogrou a possibilidade de termos um Presidente histórico, como aconteceu com Catalunha e o País Basco; Montero Santalha, depois de uma leitura muito atenta dos textos aqui reunidos de Isaac Díaz Pardo, com muita didáctica e clarividência, apresenta-nos o pensamento do protagonista relacionado com a unidade da língua, a normativa actual, autores dessa norma e sobre o futuro que nos espera de nom mudarmos a tempo a deriva na que anda a Língua da Galiza.



ISAAC DÍAZ PARDO E A MEMÓRIA HISTÓRICA

ISAAC ALONSO ESTRIVIZ
Universidade de Vigo

I.- O MEU DÍAZ PARDO

Desde há muito tempo, quando ouço o nome de Díaz Pardo sinto uma grande emoção e um respeito profundo pela sua pessoa. Entre os primeiros livros galegos comprados por mim estava o intitulado *Midas. O ângulo de Pedra*. Os primeiros que tive oferecêramos Galáxia por mediação do meu lembrado e inesquecível amigo, Jesus Ferro Couselo. Esses livros levaram-me a apresentar-me a um concurso sobre Curros Henriques convocado pelo Centro Galego de Buenos Aires. Ganhei e o dinheiro que me correspondia permitiram-me investi-lo todo em livros galegos de Buenos Aires. Foi uma grande felicidade. Depois esse, junto com alguns mais, viajaram comigo por França, Sória, Alemanha, Navarra, Albacete, Madrid...

E foi em Madrid onde conheci e falei por primeira vez com Díaz Pardo. O encontro teve lugar na Galeria Sargadelos. A minha admiração e respeito foi cada vez crescendo mais, pois via nele o demiurgo que fazia livros, desenhava cantares de cegos, ilustrava livros e como se empenhava em lhe dar a Galiza uma das indústrias

mais belas e elegantes da Península. Depois estive com ele no Castro, em Sargadelos, no Instituto da Informaçom...

Díaz Pardo é uma personagem singular, inclassificável em grupo algum. A sua obsessom foi, é e será sempre como lhe dar a Galiza a dignidade que lhe corresponde e aproveitar os seus abundantes recursos quer naturais quer humanos. Apela sempre à recuperaçom da memória histórica. Nom quer que nada do passado: histórico, cultural ou humano se perca, porque só conhecendo e lembrando as travas que se opuseram à sua realizaçom é possível criar um futuro digno onde nom se repitam os erros do passado. Isto nota-se na plasmaçom da sua obra literária, pictórica, escultórica e ceramística. Sempre que fala com qualquer pessoa é o primeiro que lhe vem à boca.

É o Homem que nunca tem tempo para si e todo lhe é pouco para levar avante o seu projecto. Nom se obcecou polo dinheiro ainda que sem ele pouco se pode fazer. O dinheiro para ele é um meio para trabalhar, para criar, nunca um fim em si mesmo. Ainda que esteja a falar com alguém tem que estar em movimento e anda de cá para lá sem parar. Ultimamente ainda muito mais. Nom tem acougo, nom tem paria. Sente angústia de deixar a obra inacabada ou que depois dele siga roteiros fora da identidade galega.

É um Homem desprendido. Amigo dos amigos. Sabe reconhecer neles as suas deficiências mas nunca fica aí, simplesmente constata o feito, e valora muito tudo o que de positivo fizeram. Os seus amigos som de todas as tendências, de todas as ideologias. O que nom tolera em ninguém som os disfarces ou os vira-jaquetas.

II.- A GALIZA DESMEMORIADA

Antes de falar eu do que ele sente pola Galiza, prefiro respigar cá e lá o que ele diz para que o seu pensamento fique nítido evitando fazer um amontoado excesivo de citações. Quero que fique claro o seu pensamento e para isso nada melhor do que deixar que seja ele quem fale.

Apela sempre à recuperaçom histórica e isto vê-se com muita clareza no livro *GALICIA HOY y el resto del mundo* ^[2]. Este livro é como uma autobiografia ou memórias onde tenta construir ao mesmo tempo a história do que foi e do que houvera sido se os acontecimentos se enveredaram por outros caminhos. Começa explicando o porquê de o escrever em castelhano, quando o normal nele é fazê-lo em galego. Ainda que o livro está em castelhano, as citações que faça irám em galego.

Isaac Díaz Pardo, um homem toda a sua vida de esquerdas, som os seus amigos da mesma ideologia? Eis o que ele nos diz:

“Tenho muitos amigos que som de direitas, outros muitos que som de esquerdas e outros tantos que som de centro e um número nom menor que dizem nom ser de centro, nem de um lado nem do outro, e já se sabe que estes últimos som sempre de direitas. Eu nom quisera pelear-me com ninguém ^[3]”.

A Galiza sempre se tratou de uma maneira superficial. Nunca se desceu devidamente à realidade dos feitos. Convinha ocultar e alienar. Por isso ele escreve:

“Descrever a Galiza de hoje é uma empresa complicada. Recolher a beleza das nossas paisagens e a abundância das nossas festas é uma ideia malsã de agentes condicionados uns e disfarçados os mais, que empregam os inimigos da Galiza para que nom se saiba quê é o que se passa aqui. Som os estupefacientes que já denunciava Castelão, movidos por qualquer cousa que pertence à classe de seres invisíveis e é necessário formular todo um processo para que, ainda que nom se vejam, registar a sua

2.- Isaac Díaz Pardo, *GALICIA HOY y el resto del mundo*, Ed. Do Castro, 2ª ed. 1990

3.- Ib. Págs. 8-9.

presença. E acho que os nossos principais males de hoje nom se explicam se nom conhecemos alguns dos nossos antecedentes”^[4]

Dá um breve repasso pola história da guerra civil. Descreve o que obrigaram a fazer às gentes e as atitudes que têm hoje em dia uns e outros. Descritas as barbaridades a que foram sujeitos diz-nos:

“Acho que o enfrentamento, a violência e a confussom dos primeiros anos de franquismo nom foram o pior. O pior seria a sistemática desmemorizaçom e desorientaçom que se nos impôs durante quatro décadas. E isto é o que causou o maior mal na sociedade do nosso tempo, sobretudo entre nós os galegos. Nom é o pior mal para um indivíduo que lhe matem os seus progenitores, senom que o deixem com a boca aberta e desmemoriado para toda a vida, e este é o mal que, em geral, se está padecendo, ainda que todos sigamos sabendo comer, beber e fazer o amor, conduzir um automóvel, acender o ecrám de um televisor, e até acender um computador que tem, como nom? também um ecrám, e em todas as cousas que têm um ou vários botonzitos dar-nos o prazer de os apertar esperando com isso poder modificar a realidade que se nos vem acima”

Lamenta a má sorte que tem tido sempre Galiza. Fala demoradamente disto e de como os galegos sempre andamos com trasacordos:

“Galiza tem má sorte. Se analisamos a sua história vemos que os poderes retardatários, que maneja a classe dos seres invisíveis, aparecem como

sombras nos momentos decisivos da nossa história para impedir que ocupemos o lugar que devera corresponder-nos em razom da terra que pisamos e dos recursos que nela temos. Mas a desmemorizaçom é a arma mais poderosa que manejam os inimigos da Galiza e é a causa da confusa situaçom em que nos encontramos hoje”.

Nem sequer soubemos estar à altura das circunstâncias históricas que nos tocou viver na autonomia, pois como diz ele, Catalunha e o País Basco procuraram gente que conectava com a tradiçom: Tarradellas e Leizaola. Na Galiza ignorou-se o passado e ele critica-o duramente. Eis o que nos diz:

“... Nem sequer perturbou essa pressa [a de conseguir o mando], que desde Madrid se preocupassem de procurar o fio do fideicomisso dessa tradiçom, que estava em Bibiano Fernández Osorio-Tafall, presidente do Comité Central de Autonomia da Galiza desde a Assembleia de municípios no ano 32. E nom se conseguiu encontrar nem um só apoio, com voz e poder de decisom, dentro da Galiza, porque Tafall, para quem sabiam da sua existência, que eram pouquíssimos, lembrava-lhes a história, e até algum meio jovem que se pregara com a sua assinatura aos “princípios fundamentais do movimento” agora lhe punha reparos de se nom era bastante galego”^[5]

Resulta ilustrativo e surpreendente como nos vai contando todo o acontecido no intervalo anterior à guerra civil, as actividades levadas a cabo por uns e por outros e o seu próprio comportamento como militante das juventudes sociliastas unificadas. A sua rebeldia e mesmo o ingénio nas interpelações a seu pai e a Castelão. Ele era

4.- Ib. Pag. 10.

5.- Ib. p. 16.

mais radical, ainda que nem sempre tivesse a razão ^[6].

A sua revolta manifesta-se de uma forma contundente ao falar do acontecido com o Seminário de Estudos Galegos:

“O feito com o Seminário de Estudos Galegos foi o mais brutal atentado que se fez com Galiza, e o mais incompreensível pois não se fez o mesmo com o Institut d’Estudis Catalans a pesar de que Catalunha lutou contra o franquismo na Guerra Civil durante três anos. É um tema que necessita um capítulo à parte pois se as coisas estão como estão é porque o neo-mudéjar que estou denunciando se protege também com o anjo desmemorizador, para planificar uma investigação descomprometida que cubra só afãs de protagonismo pessoal. A desaparecimento do espírito do Seminário e a luta solapada contra o espírito integrador do conhecimento da Galiza, o espírito integrador de todos os que investigam sem elitismos académicos, é um propósito ultra-reaccionário para cortar as asas socioeconómicas e políticas da Galiza, como se vai ver, cujos tentáculos desse propósito seguem agarrados à nossa existência retorcidos nos barotes mais insólitos do nosso edifício. Não foi uma loucura precipitada pela guerra senão que a sua eliminação obedeceu a uma acção sistemática meditada e implacável desenvolvida ao longo de vários anos.” ^[7]

Díaz Pardo descreve muito claramente a atitude de alguns galeguistas que depois se passaram abertamente à defesa do regime e sobretudo de Franco. Resulta assombroso o discurso de Luís Iglésias Iglésias quando Franco é investido Doutor Honoris Causa pela Faculdade de Ciências da Universidade de Santiago em

6.- Cfr. pp. 38-39.

7.- p. 53.

1963 ^[8]. Todo o conteúdo do discurso do Doutor Iglésias é uma autêntica infâmia tanto para ele como para toda a Universidade de Santiago. Incríveis os disparates que nele se dizem.

Díaz Pardo e Seoane, tentaram por todos os meios restaurar o verdadeiro Seminário de Estudos Galegos. Apresentaram o projecto à Universidade de Santiago em 1977. Perante o oportunismo de uns e a ineficácia de outros, escreve:

“Quando crêem que vem o comunismo muitos fazem-se comunistas; quando crêem que as instituições criadas no franquismo vão ser desmontadas e restituídos os velhos patrimónios às suas antigas funções muitos associam-se. Mas quando vem que não vem o comunismo nem de Madrid têm interesse por restaurar algo autêntico na Galiza (porquê iam tê-lo?) Vão-se aos seus redutos desde os quais podem seguir defendendo os seus postos” ^[9].

Doi-lhe, e muito, que grandes figuras da nossa cultura na emigração foram botadas ao esquecimento e a frialdade com que foram acolhidas à sua volta. Fala de Seoane, de Branco Amor, de Lourenço Varela... Resulta assombroso a desmemória histórica dos nossos notáveis. Ele comenta-o:

“Passou o ano 86 no que se cumpriu o 50 aniversário do assassinato de uma dúzia de colaboradores do movimento Nós, entre esses mártires estão gentes tão importantes como Ângelo Casal, Jaime Quintanilha, Alexandre Bôbeda, Arturo Noguero, Roberto Branco Torres e João Carvalheira. Está-se a fazer referência continuamente ao movimento Nós, fazem-se reedições da revista Nós... mas um acto, uma publicação, algo que lembre os mártires

8.- Cfr. pp. 69-71.

9.- p. 81.

do movimento, ou aos que colaboraram na revista. Quem nos ata as mãos para fazê-lo? O facto mais importante que pôde haver: que uma ideia produza mártires ou heróis esquece-se e só se lembra a ideia, é mais bem um insulto”^[10].

Fala dos trâmites que seguiu o Estatuto de Autonomia até à sua definitiva aprovação. Da constituição do Conselho de Galiza, cujo acto público teve lugar o 28 de Junho de 1945 em Montevideo. E mais uma vez lembra aos galegos:

“É enormemente curioso que a Autonomia da Galiza que nos concederam a partir do ano 80, não se referisse em nenhum momento ao *Conselho de Galiza*, nem ao pensamento político de Castelão. Mais bem parece que essa Autonomia fez esforços e filigranas para ocultar ambas as cousas, a pesar de que em nome de Castelão, utilizando o seu prestígio internacional, se estiveram dando condecorações. Algum dia isto terá que ter alguma explicação, não para bater a ninguém senão para deixar a história no seu sítio”^[11].

III.- HOMEM DE PENSAMENTO CERTO MAS COM DÚVIDAS PRÁTICAS

Quando falo de dúvidas práticas não me estou a referir ao campo da economia. Refiro-me à língua. Díaz Pardo demonstrou ser fiel ao seu pensamento. Por isso se Galiza tem meios abundantes para sair da escravidão à que está submetida por uns e por outros —os de fora e os de dentro— pôs mãos à obra e aí estão O Castro, Sargadelos, O Instituto Galego de Informação que patenteiam o que ele sempre pensou.

10.- p. 92.

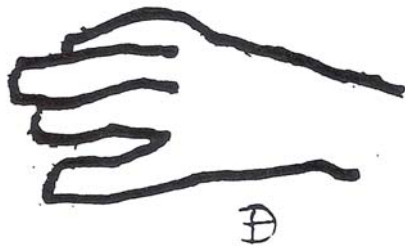
11.- p. 113.

E como um dos nossos falhos está na desmemorização que padecemos, aí temos publicados por ele mais de duzentos títulos para nos lembrar tudo o que aconteceu na nossa história para recuperarmos a memória histórica. Falo da colecção “VIII. Documentos para a História contemporânea de Galicia”, de Ed. do Castro. Nenhuma outra editora galega empreendeu tarefa semelhante.

A respeito da fala tem deixado muito claro, através de uma série de artigos de opinião, o que ele pensou e pensa sobre o galego. Artigos que, graças ao labor de José Maria Casariego e também à colaboração de Díaz Pardo e Martinho Montero, podemos oferecer neste volume.

Díaz Pardo, o mesmo que todos os da Geração Nós, e outros, defenderam sempre, ainda que não deram o passo para a frente, por medo a serem incompreendidos ou sei lá porquê. Díaz Pardo seguiu em parte esse mesmo caminho, ainda que de vez em quando saía das normas e tente levar à prática o que tem na mente.

Afinal, ainda sabendo que ia ser mal visto por alguns, deu o passo à frente e publicou esse livrinho maravilhoso que é *Tentando construir uma Esfinge de Pedra*. Com este volume de artigos, em que deixa muito claro o que pensa da nossa língua, Isaac Díaz Pardo completa a sua obra no campo económico e cultural.



3

OS PROBLEMAS DA LÍNGUA MANIFESTAM-SE DE FORMAS MUITO DIVERSAS

Leopoldo Eijo Garay foi um importante prelado nascido em Vigo em 1878, onde faleceu em 1963. A sua família procedia da comarca de O Eixo, na freguesia de Sargadelos. Bispo de Tui e Vitória, em 1923 toma posse da diocese de Madrid-Alcalá. Entre os seus títulos figurava o de prelado doméstico da Sua Santidade, membro numerário da Real Academia de Ciências Morais e Políticas, vogal do C.S.I.C. [«Consejo Superior de Investigaciones Científicas»], Presidente do Patronato Raimundo Lúlio, Director do Instituto Suárez, Numerário da Academia da Língua, Procurador em Cortes, Membro do Conselho do Reino, Presidente da Associação para o Fomento dos Estudos Bíblicos, etc., etc. Devoto da causa nacionalista comandada polo general Franco, este premiou os seus serviços conseguindo do Papa,

quando ainda esvoaçavam sonhos imperiais, o título honorífico de Patriarca das Índias Ocidentais, de forma que fazia muito bem nas reuniões solenes anunciar a presença do Arcebispo de Madrid-Alcalá e Patriarca das Índias Ocidentais, somado à sua vestimenta das melhores galas em vermelhos e ouros. O seu báculo de filigrana e outros ornamentos constituía por si só um espectáculo e elevava a presença plástica dessas reuniões, em que o reverendíssimo Dom Leopoldo se encontrava orgulhoso, pois terminou convencendo-se do seu rango aristocrático e tradicional.

Santiago Montero Díaz referiu-nos numa ocasião a dramática morte de Eijo Garay. Num acto académico no qual Dom Leopoldo luzia as suas decorativas e coloristas galas terçou-se este diálogo dos dous galegos, professor e arcebispo:

Montero Díaz: – Que pena, Dom Leopoldo, o do seu apelido!

Eijo Garay: – Quê lhe passa ao meu apelido, Santiago?

Montero Díaz: – É que Você com a carga aristocrática que tem, com a tradição que arrasta, representando à mais alta magistratura político-religiosa do Estado é uma mágoa que nom foram mais respeitosos com o seu gentilício, quê trabalho lhes custava?

Eijo Garay: – Mas, explique-se, Santiago, quê lhe passa ao meu apelido? Está-me Você já intrigando!

Montero Díaz: – Refiro-me ao castrapo que lhe meteram...

Eijo Garay, já meio incomodado: – Mas de quê está a falar, Santiago?, quê quer Você dizer?

Montero Díaz: – É que se a Você lhe puseram *Eixo* ou *Eje*, pois estaria bem, mas meter-lhe o castrapo esse a gente pode pensar que nom é certo o da sua raíz aristocrática...

Eijo Garay, já nervosíssimo e violento: – Mas que castrapo nem farrapo de gaita?

Montero Díaz: – Calme-se, Dom Leopoldo, porque a cousa nom e para pôr-se assim! Se Você ouve dizer: «el eje del carro» ou «o eixo do carro», Você dá-se conta de que están a falar em castellano ou em galego. Mas se Você ouve dizer «El eijo do carro» ou «o eijo do carro», Você dá-se conta que están a falar em castrapo, que é o baralhete dos pandorcos; e esta é a canalhada que fizeram a Você com o apelido...

Eijo Garay podia duvidar da sua própria aristocracia mas do que nom tinha nenhuma dúvida é da sabedoria do seu paisano Santiago Montero Díaz e pouco lhe faltou para desmaiar-se na recepção académica acoçando a perguntas e mais perguntas ao professor Montero Díaz. Eijo Garay abandonou a recepção antes de que acabasse o acto, e na semana que seguiu, referiu-nos Montero Díaz, Eijo Garay nom fazia mais que telefonar-lhe preocupado polo tema à procura de uma solução já impossível. Os últimos dias, disse Montero Díaz, dava sinais, a través do telefone, de alienação e decaimento, até que aos 8 dias justos de aquela recepção académica publicou-se a notícia do falecimento de Dom Leopoldo.

Esta forma castrapa do «Eijo do carro» produto do oportunismo linguístico, do qual há tanto (estar a bem com os que mandam neste momento e estar a bem com os que compram quotidianamente) lembra-me muito essa expresso castrapa e castrapizante que constantemente estamos lendo e / ou escutando nos meios de comunicação que temos: «Consello da Xunta» sem que os poderes castrapizados, tratem de impedi-lo.

Os problemas de irracionalidade que traz consigo o neomoçárabe/mudéjar afectam também à língua. Pompeu Fabra fizera uma normalização estrutural da língua dos países catalães, limpando de castelhanismos, no possível, o catalám. Durante o franquismo quem tinham consciência do problema, ainda que fossem de Valência ou das Baleares, aceitavam-na sem reservas. Quando Franco morreu os neomudéjares mediterrâneos —que, como os galegos, aceitavam caladinhos e submissos a ditadura—

começaram a protestar porque Valência nom podia aceitar o imperialismo do catalám: que o valenciano era outra cousa. A cunha franquista, disfarçada agora de mais nacionalista valenciana que a sua *ratapenada*^[16], preparava-se a penetrar e dividir. Na Galiza passa algo semelhante mas ainda pior. Aqui os que juravam fidelidade aos Princípios Fundamentais do Movimento, que, talvez, algum no princípio desses princípios se dedicavam a dar óleo de rícino a seus companheiros de instituto porque falavam galego, agora conquistado o redil da Autonomia —onde chega o dinheiro abundante e atractivo que enviam de Madrid— dispunham-se a criar instituições preparadas para dividir nesta questom, metendo a cunha nas gretas que todos temos.

O nosso povo marginado, que foi o que conservou o idioma galego por tradiçom oral, enquanto os senhoritos de villa y corte se riam deles e perseguiram a sua língua nom sabe que é isso da *normativizaçom*. Alguns mais abispados sabem que supõe uma obriga de ser em algo que se opõe ao próprio ser por si mesmo para servir à comunicaçom.

Há unanimidade em considerar que nom há unanimidade enquanto ao tratamento que se dá hoje oficialmente ao tema da língua na Galiza. Reconheceu-se a um Instituto para ditar uma normativa, e os seus componentes deram a impressom de estar felizes com a titularidade atingida e puseram-se a normativizar tudo o que encontraram por diante, sem mais norma —dizem alguns— que a que nasce na sua mesa de lucubrações.

Mas com *j* ou com *x*, com *nh* ou *ñ*, com *lh* ou *ll*, com *çom* ou com *ción*, disfarça-se um enfrentamento mais profundo entre «normativizadores» castelhanizantes e «normativizadores» lusistas, reintegracionistas, etc.; e dentro de uns e outros há-os de primeiro,

16.- Com esta forma *ratapenada* Isaac Díaz Pardo faz alusão à associação cultural valenciana *Lo Rat Penat*, que é actualmente uma das vozes que mais defendem a secessão linguística do catalão de Valença, pretendendo fazer da «língua valenciana» um idioma independente do catalão: uma pretensão, portanto, similar à que na Galiza procura o Instituto da Língua Galega. O vocábulo *rat-penat* (literalmente 'rato penado'; isto é, com penas ou plumas) é uma das denominações com que se conhece em catalão o morcego.

segundo e terceiro grau, com visos de violência e confusom, como se o país nom tivesse problemas mais importantes que resolver. Uns e outros —se se lhes pudesse atribuir sinceridade— estariam em considerar que o único importante do auto-governo é a língua; que nos estejam roubando os recursos por todas partes importaria-lhes bem pouco.

Os que desfrutam o privilégio oficial crêem estar por cima do bem e do mal e defendem-se dizendo que aqui todos queremos impor a nossa própria norma quando os únicos que a impõem som eles, porque podem e se permitem inclusive «rejeitar» de forma irrespeitosa obras dos clássicos do galeguismo que foram os artífices da recuperaçom do idioma, por nom estar «normativizados». Diz-se que até intentam normativizar a Castelão; mas dizem-se tantas cousas...

Em 1986 ao cumprir-se o centenário do nascimento de Castelão, alguém pôs num programa *nascimento*; é dizer exactamente como o punha Castelão. Os normativizadores oficiais puseram o grito no ceu porque se incumprisse o obrigatório *nacemento* como eles decretaram.

Eu pude registar um diálogo muito curioso em torno disto entre um probo titulado oficialista e um heterodoxo. Este arguiu que o correcto era *nascimento*:

1º) porque o «clássico» a quem se dirigia, primeiro reivindicador do idioma além da consciência política de Galiza, assim o escrevera, e todos os galegos o entendiam;

2º) porque em parte «nascimento» nos unificava com Portugal, onde havia ficado uma parte do nosso ser com a nossa língua galega; e

3º) porque o étimo latino é *nasci*, polo qual *nascimento* mantinha um respeito histórico, cumpria uma funçom política bem necessária e mostrava um

rigor etimológico, enquanto *nacemento*, sobre tudo o relacionado com Castelão, era um castrapismo irreverente com a história, impolítico e falto de rigor etimológico.

O probo oficialista nom teve uma resposta imediata, titubeou e finalmente alegou que havia que aceitar o que estava já no povo e nom criar-lhe problemas de rigor, o que exasperou o heterodoxo pola demagogia do probo, pois se se trata de deixar as cousas como estavam, sem nenhum rigor histórico, político nem científico, para quê se queria um Instituto da Língua? Nesse caso seria melhor que o povo siga dizendo *ayer* em lugar de *onte*, e *abuela* em lugar de *avoa*, e *carretera*, e *calle* e *ventana* e *niebla* em lugar de *estrada*, *rua*, *fiestra* ou *janela*, *brêtema* ou *névoa*, porque já nom están no povo, e assim talvez nom teríamos que suportar na TVG essas expressões pandorcas de suplantar *perto* por *preto*; *até* por *ata*... (“ata mañá”).

Galiza nom tinha nenhum problema deste tipo antes de ter uma instituição linguística. Isto nom o digo para negar a utilidade de uma instituição normalizadora da língua, mas para assinalar que, com todo o saber que se encerra na instituição que temos (e isto é inegável), por falta de sentido político, junto com a deformação profissional (da qual ninguém nos livramos), nom cumpre, acho, os propósitos normalizadores senom que provocou multídom de reacções que, como sempre sucede nestes casos, por ter os mesmos vícios, ainda que com outra orientação, junto com outras actuações socioeconómicas, terminaram por fazer mais confuso o panorama.

Quem lutaram pola reivindicação da língua galega, que padeceram a história (quando nom pagaram com a sua vida a pretensão de tal «ousadia»), eram contestes em acercar a língua galega à sua irmã, ou filha, a portuguesa, sem beatices que violentassem a realidade existente bloqueando a comunicação, mas tratando de descastelhanizar o galego como Pompeu Fabra fizera com o catalán no seio de l' Institut. Acho que isto era cordo, era

político, e tinha certo carácter científico. Este critério admitia como todas as cousas correcções. Creio que muitas das cousas que fizeram depois do ano 36 foram acertadas, sobretudo em matéria sintáctica o labor realizado por homens do grupo Galáxia. Mas acho também que estes acertos nom davam direito a estabelecer uma espécie de ditadura sobre o que havia que fazer para o futuro, numa cousa como a língua que construiu sempre o povo para satisfazer necessidades de comunicação e nom para o cumprimento de normas ditadas. Se a isto somamos o efeito neomudéjar que se deixa sentir, o que está fazendo a normativização oficialista é castelhanizar ou castrapizar mais o galego (sem deixar de reconhecer-lhe estudos e contributos muito valiosos).

Claro que o drama fundamental de Galiza nom está por aqui. O problema da língua está sujeito ao domínio ou entrega dos nossos recursos, o que nos obrigará a falar no idioma de quem tenha a propriedade deles. E este sim que é o verdadeiro problema para a nossa língua porque os que têm estabelecidos os seus poderes aqui e agora som sipaios, som entregadores a troços da Galiza ao domínio forâneo. Somos tercos em nom querer entender a experiência histórica. A pesar de todos os esforços que fizemos os Iberos por consolidar as línguas alheias aí temos desde ontem o exemplo de México, ou aqui temos hoje o exemplo de Filipinas.

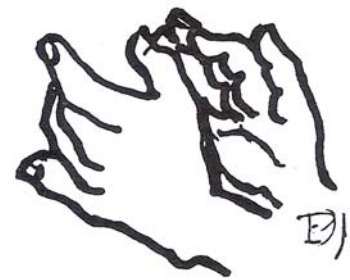
A época neomoçárabe do franquismo foi funesta para as línguas peninsulares. Os sipaios prestaram a sua ajuda ao ocupante saxom, e ao mesmo tempo que os americanoms semeavam de gibraltares o país entregavam-lhe os nossos recursos, aceitavam a sua língua, e ao final deixavam-se acariciar o cu. Começam fazendo-o os que están na crista e termina fazendo-o todo o povo quando o objecto tem força e o chama. Assim com o franquismo em lugar de dizer PARE, em relação com o automóvel, passou a dizer-se STOP, e em lugar de dizer *estacionar* passou-se a dizer *aparcar*, com toda a carga burra que supõe isto. Castelão registou em EUA que os nossos emigrantes diziam: «Eiquí nom deixam *parquear*», por «Eiquí nom deixan estacionar o coche». (nº 8 de «*El Orensano*: Bs. As., fevereiro, 1945). Resulta que «Por el Imperio hacia Dios»,

HOMENAGEM DA AGAL

que ia libertar a madre pátria de estrangeirismos, a pátria foi-se *angloempotecendo* enquanto as suas filhas americanas, a pesar de todos os pesares, puderam manter-se mais decentes. Trata-se dum problema de assilvestramento condicionado polos meios socioeconómicos, do que há abundante experiência histórica. A língua é muito importante, mas se nom se resolve o problema da dependência económica, a língua pouco pode fazer polo homem que padece a história.

Fazemos votos porque os que façam a nossa crónica nom tenham que registar que depois de grandes esforços para conseguir a normativizaçom da língua galega nesses grandes seriais de filmes norteamericanos (com a violência armada e com o furor sexual e dançante que os caracteriza), os nossos filhos e até nós mesmos —incluídos os membros dos institutos e conselhos da língua e da cultura galega— terminemos bailando o *rock and roll* e manejando a metralheta em perfeito inglês, porque a imagem e a açcom resultou ser mais comunicante que a mesma língua —o que nom era, por suposto, uma novidade.

[Do livro *GALICIA HOY y el resto del mundo*, 2ª ed. 1990
(1ª 1987), pp. 139-149].



ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	13
VIDA E OBRA DE ISAAC DÍAZ PARDO.....	17
ISAAC DÍAZ PARDO E A MEMÓRIA HISTÓRICA.....	27
A DIGNIDADE DE DÍAZ PARDO	39
ISAAC DÍAZ PARDO, UM DOS BONS E GENEROSOS, DEVIDAMENTE ACREDITADO.....	45
A NOSSA LÍNGUA VISTA POR ISAAC DÍAZ PARDO.....	59

ARTIGOS

1-. <i>PRETO OU PERTO?</i>	81
2-. OS PROBLEMAS DA GALIZA E OS IMPORTUNOS.....	85
3-. OS PROBLEMAS DA LÍNGUA MANIFESTAM-SE DE FORMAS MUITO DIVERSAS..	89
4-. O PROBLEMA DA LÍNGUA VISTO POR UM QUE NOM É FILÓLOGO.....	99
5-. O FIO DA HISTÓRIA.....	103
6-. UM CONTRADITOR NO CAMINHO DE SANTIAGO.....	107
7-. A BARALHA DOS PARTIDOS ESTATAIS.....	111
8-. O GALEGO E O PORTUGUÊS.....	115

9-. A INÉRCIA DOS ESPECIALISTAS.....	119
10-. OS ESPECIALISTAS.....	123
11-. SOBRE A CULTURA GALEGA.....	127
12-. NÓS OS TERRORISTAS.....	133
13-. A NOSSA HISTÓRIA EM ESQUEMA.....	137
14-. A PROPÓSITO DA LÍNGUA GALEGA.....	141
15-. ESPANHA, PORTUGAL E GALIZA.....	145
16-. O MERCADO COMUM E OUTRAS EIVAS.....	149
17.- O GALEGO ESTÁ A MORRER, SE NOM SE ABRIR À NAÇOM IRMÁ, QUE PODE SUSTENTÁ-LO, NOM VAI FICAR EM NADA.....	153

*A versom integra deste libro foi
impresa em Compostela
no
17 de Maio de 2008*

Dia das letras galegas

*Este e-book é umha versom especial
para o PGL*